

COMO SILENCIAR DIANTE DO ESTUPRO E SUAS REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA?

Feminism, literature and rape narratives: violence and violation.

GUNNE, SORCHA and THOMPSON, Zoë Brigley (eds.)

London: Routledge, 2010.

Desde a segunda onda do feminismo, o estupro vem sendo trazido à tona por pesquisadores e pesquisadoras interessados/as em dar voz às narrativas de violência perpetradas contra corpos femininos (Brownmiller, 1975; Bourke, 2007). A visibilidade dada ao tema fica ainda mais evidente diante das iniciativas globais da ONU em tornar crime de guerra passível de punições severas esse ato brutal de usurpação dos direitos sobre o corpo das mulheres. No Brasil, a *Lei Maria da Penha*, promulgada em 2006, também criminalizou o estupro, possibilitando o reconhecimento da população civil quanto a esse problema endêmico que afeta mulheres, jovens e crianças de todas as camadas e esferas sociais. Assim, iniciou-se um processo de trânsito das violências sexuais da esfera do privado para os espaços públicos, na tentativa de, ao passo em que se oferece amparo às vítimas, denunciar e punir severamente os praticantes de tais atos bárbaros.

Em uma coletânea de ensaios que caminha nessa direção, de dar visibilidade à referida temática, as editoras Sorcha Gunne e Zoë Brigley Thompson se uniram em um projeto cujo propósito é o de agrupar uma série de discussões sobre um tópico ainda considerado tabu nas diversas sociedades - ocidental e oriental - recuperando o tratamento do estupro em obras de autoras dos mais diversos contextos geográficos- canadense, latino-americano, egípcio, indiano, norte-americano, zimbabuense, dentre outros. O esforço na coleta exaustiva de ensaios ao redor de um mesmo tema efetuada pelas autoras e seus colaboradores é louvável e o resultado, surpreendente.

O primeiro e maior trunfo da obra de Gunne e Thompson é a excelente articulação que apresentam do tema da violência sexual impetrada contra as mulheres, sejam elas negras, indígenas, aborígenes, hindus, muçulmanas, judias, hetero ou homossexuais, para além das fronteiras, o que dialoga perfeitamente com os impulsos do feminismo transnacional de manter as especificidades das experiências das mulheres, para fazer do feminismo um projeto menos excludente e mais representativo, em que mulheres possam articular interesses, comuns ou não, em um espaço mais plural em que outras narrativas, não somente aquelas escritas por autoras brancas, ocidentais e

de classe média, possam ter lugar de destaque e usufruir da merecida atenção.

A segunda contribuição da coletânea de ensaios das autoras é, indubitavelmente, a diversidade de narrativas dispostas e analisadas ao longo dos capítulos- desde romances, obras teatrais e fílmicas, passando por poemas e até relatos testemunhais, sem engessar os textos discutidos quanto à autoria ou formas ficcionais. Finalmente, a multiplicidade de perspectivas dá à obra em questão a vantagem de valorizar obras de autorias localizadas fora dos limites do dito cânone, oportunizando espaços em que tais discursos menos visíveis possam ser articulados e ouvidos. O livro também apresenta outro grande ponto a seu favor- mesmo agrupando textos culturalmente diversos em que a representação do estupro através de obras literárias é o viés comum, foge à perspectiva limitadora e polarizante que sustenta que o homem é sempre, nos crimes sexuais contra as mulheres, o agressor e algoz, enquanto sua contraparte limita-se a ocupar a posição de vítima passiva.

No segundo capítulo da referida obra, por exemplo, Carine Mardorossian analisa três romances de autoras caribenhas em diáspora- *Breath, Eyes, Memory* de Edwidge Danticat, *Geographies of Home* de Loida Maritza Perez e *Unburnable*, de autoria de Marie Elena John- obras estas que subvertem a hierarquia patriarcal por colocar mulheres na posição de algozes contra suas iguais, em um contexto que articula não apenas a questão do gênero, como também a da raça, transcendendo, portanto, a típica polarização homem branco/perpetrador versus mulher negra/vítima. A partir da escolha de Mardorossian compreendemos quão imbricadas estão, nos três romances, as questões de raça e gênero nas narrativas de violência sexual como herança dos tempos coloniais da *plantation*; a cuidadosa análise da autora visa a oferecer uma perspectiva nova do crime sexual contra a mulher não sob a já desgastada ótica do homem branco que toma posse do corpo da escrava negra, violando-o e objetificando-a. Nas referidas obras, o estupro ocorre sem que vítimas e perpetradores ocupem esferas distintas de gênero ou classe social. Assim sendo, Danticat, Perez e John representam as próprias mulheres como perpetradoras, sejam irmãs, amigas ou mães das

ELIZABETH SOUTO MAIOR MENDES

(Doutoranda PPGL/UFPB)

vítimas, capazes de violar os corpos de outras mulheres, dramatizando uma posição bastante ambivalente em que o sujeito feminino ocupa a posição de violador e de violado durante o ato sexual não-consentido. Por outro lado, o ponto de vista das vítimas é mais evidenciado do que o de suas algozes, já que as personagens de cada uma das obras se recusam a aquiescer seus corpos à violência, esboçando, através da resolução do conflito, sinais de revolta, luta ou reação.

Também revelador de uma análise do estupro sob o ponto de vista da mulher é o ensaio presente no quinto capítulo cinco da obra supramencionada, quando Anna Ball examina, de modo meticuloso, a representação da violação sexual em *Woman at Point Zero*, de Nawal El Saadawi. Segundo Ball, no romance da ativista, escritora e médica egípcia Saadawi, baseado em relatos de uma prisioneira condenada à pena capital pelo assassinato de seu cafetão, a questão da violência sexual é levada ao extremo sem, no entanto, recair sobre os tão comuns reducionismos binários. A protagonista do referido romance, Firdaus, narra em flashback toda uma vida de opressão de gênero e classe, em que é vítima de abusos sexuais e tortura psicológica, dentro e fora do casamento, até conseguir se libertar, de forma brutal e definitiva, das amarras do confinamento sofrido. Seguindo uma tendência de engajamento social percorrida por El Saadawi desde a década de sessenta até os dias atuais, em que teve seu nome incluído no rol dos apóstatas procurados pela rigorosa lei egípcia, o romance subverte à ordem “natural” em que a ‘awra’, termo traduzido por Leila Ahmed como ‘aquilo vergonhoso que deve ser mantido coberto e/ou escondido’, ou seja, as partes íntimas da mulher, transformam-se em fonte ambígua de sofrimento e prazer, até mesmo, sucesso para Firdaus, embora sejam consideradas, social e moralmente, impuras. Em um contexto onde a sexualidade feminina limita-se ao campo privado, Firdaus lucra com o comércio sexual, e vê sua vida financeira prosperar; assim, sua relação com o corpo sofre mudanças profundas, na medida em que atrela valor a ele, recupera sua agência e, ainda, redescobre o prazer sexual perdido. Contrariando as expectativas sociais do meio em que vive, Firdaus vivencia um período de relativa independência econômica, que é interrompido por um acontecimento trágico o qual, ao invés de causar arrependimento, lhe enche de orgulho e satisfação.

Assim, percebe-se que as pesquisadoras em questão utilizam o estupro apenas como ponto de partida para um debate mais amplo do que aquele já existente nas teorizações sobre o tema. Se, no feminismo de segunda onda, acreditava-se que apenas trazer à tona o referido tópico tabu seria suficiente para evitar sua ocorrência, na atualidade, envidam-se esforços para investigar narrativas que discorram sobre crimes sexuais sem, no entanto, recair na simples exploração do mesmo, mas focando a atenção na atitude das vítimas representadas na ficção quando se comprometem à resistir e reagir ao crime sexual contra elas

perpetrado. E esse parece, certamente, ser o compromisso da obra em questão- reempoderar as mulheres, através da seleção de textos literários que projetam uma imagem diferente da tão comumente propagada vítima, a fim de possibilitar um caminho que incluía a agência a elas negada, mas jamais perdida.